

MARCAÇÃO DE CASO E ATRIBUIÇÃO DE CASO EM TIKUNA¹

MARÍLIA FACÓ SOARES
Museu Nacional/U.F.R.J.

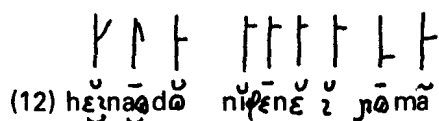
Neste trabalho, abordamos alguns aspectos da sintaxe da língua Tikuna.

A língua Tikuna é tida como isolada, sem relação com qualquer família linguística², e é falada por uma população de cerca de vinte mil indivíduos cuja maioria vive no Brasil, habitando, de forma espalhada, uma extensa área do Alto Solimões³ que abrange terras de quatro municípios do estado do Amazonas: Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Santo Antonio do Iça e Fonte Boa.

Os aspectos sintáticos do Tikuna que trazemos para o espaço deste artigo não estão relacionados a uma tentativa nossa de investigar a existência de participantes em estados, eventos, ações, nem a codificação de papéis semânticos como sistema de marcação e caso. A investigação que se expõe aqui possui outros objetivos. O primeiro deles é focalizar a ordem de palavra, que é outro artifício maior para a marcação de caso, e, como decorrência disso, será necessário falar de sujeito e objeto nominais, além de se focalizar o tópico. Um outro objetivo é tentar fornecer uma explicação para o surgimento de uma marcação de caso na língua Tikuna. E, por fim, é também um objetivo o de verificar a possibilidade de conciliação entre marcação de caso e atribuição de Caso, entendendo-se essa última como atribuição de Caso abstrato a sintagmas nominais em virtude da configuração em que esses sintagmas se encontram.

1 - A ordem SOV

Nas sentenças a seguir, temos o verbo precedido de dois argumentos: o primeiro indica o agente, o segundo, o paciente, o resultado, o objeto da ação⁴.



 (12) hēɲāḡdḡ nɨ̃ɸēnɛ̃ ɨ̃ nḡmã

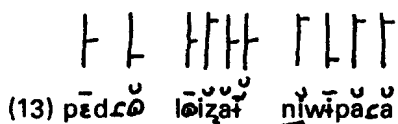
Reinaldo ele-caçar x agora
 'Reinaldo foi caçar agora'

Essa mesma partícula, nas orações transitivas, pode não aparecer após o agente, como acontece em (1), (2) e (3), tudo indicando que ela não é identificadora de um sujeito. Nós a consideramos como marca de tópico por poder, entre outras coisas, se seguir ao que não é um argumento do verbo. Voltaremos a ela mais adiante.

Em segundo lugar, quando os argumentos que indicam o agente e o paciente se encontram antes do verbo, ambos não recebem necessariamente uma marca morfológica: como mostra o exemplo (2), a ordem pode bastar para a identificação de agente e paciente. A necessidade da marcação de caso surge aqui a partir do momento em que o segundo argumento, que é o paciente, possui o traço [+ animado], como ocorre no exemplo (3) e como comprovam os pares de exemplos (7)/(8) e (9)/(10).

Feitas essas considerações, teríamos como exemplos realmente representativos da ordem SOV as sentenças (1), (2) e (3), podendo nelas, em princípio, identificar um sujeito: a primeira frase nominal contrasta com a segunda no que diz respeito a algumas das características que têm sido consideradas como identificadoras do sujeito⁵: a interpretação agentiva, propriedades de marcação de caso, concordância verbal.

Com relação à concordância verbal, tem-se que, em Tikuna, na ordem SOV, o verbo só exibe concordância com a primeira frase nominal:



 (13) pēɗɗḡ lḡɨzã̃ nɨ̃wɨ̃pãɗã̃

Pedro Luiza-dativo
 3p.masc-riscar-perna
 'Pedro está coçando a perna da Luiza'



 (14) lḡɨzã̃ pēɗɗḡ ɨ̃ɗzã̃wɨ̃pãɗã̃

Luiza Pedro-dativo
 3p.fem-riscar-perna
 'Luiza está coçando a perna de Pedro'

Quanto às propriedades de marcação de caso, em Tikuna, que é uma língua que pode apresentar caso morfológicamente exposto, a frase nominal em que se tem sempre caso morfológicamente realizado como zero é aquela que pode ser considerada como o sujeito da sentença. Como a língua em questão não é ergativa, o caso sempre realizado como zero marca não apenas o sujeito de verbo intransitivo, mas também o sujeito de verbo transitivo.

2 - A ordem SVO

São exemplos da ordem SVO as seguintes sentenças:

(15) $\begin{matrix} \text{K} & \text{r} & \text{r} & \text{r} & \text{r} & \text{r} & \text{r} & \text{r} & \text{r} \\ \text{h} & \text{a} & \text{n} & \text{a} & \text{d} & \text{a} & \text{n} & \text{a} & \text{d} \\ \text{a} & \text{z} & \text{a} & \text{m} & \text{a} & \text{g} & \text{a} & \text{a} & \text{z} & \text{a} & \text{p} & \text{a} & \text{z} & \text{a} \end{matrix}$

Reinaldo ele-objeto-matar
x cachorro x tempo passado (recente)
'Reinaldo matou o cachorro faz dias'

(16) $\begin{matrix} \text{r} & \text{r} & \text{r} & \text{r} & \text{r} & \text{r} \\ \text{b} & \text{o} & \text{n} & \text{a} & \text{n} & \text{a} & \text{d} & \text{z} & \text{a} & \text{o} & \text{d} & \text{z} & \text{a} & \text{n} & \text{o} & \text{t} & \text{a} \end{matrix}$

menino ele-objeto-pegar
x pedra
'O menino pegou a pedra'

(17) $\begin{matrix} \text{r} & \text{r} & \text{r} & \text{r} & \text{r} & \text{r} & \text{r} & \text{r} & \text{r} & \text{r} \\ \text{d} & \text{z} & \text{a} & \text{t} & \text{n} & \text{i} & \text{o} & \text{i} & \text{o} & \text{z} & \text{g} & \text{f} & \text{i} \end{matrix}$

homem 3p-dativo ele-contar
x história-plural
'O homem conta história'

(18) $\begin{matrix} \text{r} & \text{r} & \text{r} & \text{r} & \text{r} & \text{r} \\ \text{a} & \text{z} & \text{a} & \text{p} & \text{a} & \text{z} & \text{a} & \text{n} & \text{i} & \text{o} & \text{i} & \text{b} & \text{o} & \text{z} & \text{a} & \text{p} & \text{a} & \text{z} & \text{a} \end{matrix}$

cachorro 3p-dativo ele-comer
x menino
'O cachorro mordeu o menino'

Em Tikuna são comuns sentenças como essas, em que o argumento que expressa o paciente, o resultado, o objeto da ação, situado à

direita do verbo, é antecedido de determinadas partículas que, de acordo com certos falantes nativos, identificam o item que as segue como sendo 'feminino' ou 'masculino'⁶. As mesmas partículas - tratadas em nossa tradução literal como x - portam, ainda segundo os falantes, uma noção de tempo. Assim,

$\begin{array}{l} \text{t} \\ \text{z} \end{array}$ 'não-passado'
 $\begin{array}{l} \text{t} \\ \text{dza} \end{array}$ 'não-passado'

são partículas que alternam com

$\begin{array}{l} \text{t} \\ \text{gã} \end{array}$ 'passado'

Consideramos, em um primeiro momento de nossa análise, serem essas partículas introdutoras do argumento que, expressando o paciente, o resultado, o objeto da ação, se situa à direita do verbo. Antes, porém de nos determos nessas partículas, vamos fazer algumas observações que envolvem os argumentos por elas introduzidos.

Em primeiro lugar, o uso dessas partículas não se restringe à introdução de um argumento do tipo mencionado, como se pode constatar em (15): aí se tem não só o emprego de

$\begin{array}{l} \text{t} \\ \text{gã} \end{array}$ 'passado'

antes de

$\begin{array}{l} \text{Y} \quad \text{J} \\ \text{ã} \text{z} \text{c} \text{a} \end{array}$ 'cachorro'

como também antes de

$\begin{array}{l} \text{t} \text{t} \text{t} \\ \text{pã} \text{+} \text{la} \end{array}$ 'tempo passado(recente)'

Em segundo lugar, há boas indicações para não se dizer que em sentenças semelhantes a (15) e (16), nas quais se tem a forma verbal expressando internamente a noção objeto, o argumento situado à direita do verbo tenha sido apensado no decorrer do processo de produção do enunciado pelo falante, sendo, em virtude disso, um "afterthought". A noção 'objeto' interna ao verbo tem como função indicar que em um enunciado há um argumento que é o paciente, o resultado, o objeto da ação. De modo geral, esse argumento se situa à direita do verbo em sentenças do tipo abordado⁷. A regularidade de tal ocorrência permite que se identifique o argumento em questão a partir da noção 'objeto' interna à forma verbal. Quando não se encontra expressa tal noção, ou o argumento em causa precede imediatamente o verbo, como em (2), ou ele se segue ao verbo, havendo, porém, à esquerda deste um clítico marcado casualmente e co-referente a esse mesmo argumento, como em (17) e (18).

Em (17) e (18), a presença do clítico co-indiciado ao argumento à direita do verbo mostra que o falante, ao produzir o enunciado, o faz levando em conta esse argumento. Isso também se dá em (15) e (16), em que a expressão da noção 'objeto' interna à forma verbal é uma maneira de estabelecer uma concordância entre o verbo e o argumento em questão, que se encontra regularmente à sua direita.

Colocadas as observações acima, podemos nos indagar pelo papel desempenhado pelas partículas anteriormente mencionadas como introdutoras do argumento que, indicando o paciente, o resultado, o objeto da ação, se situa à direita do verbo.

As partículas

└	
z	'não-passado'
└	
dʒã	'não-passado' ⁸
└	
gã	'passado'

possuem um papel no discurso. Nos textos Tikuna, a informação previsível, velha ou contínua vem junto com essas partículas. Tal tipo de informação se segue à informação nova, não esperada, que é freqüentemente distinguida pela marca de tópico que mencionamos - na realidade, uma marca da descontinuidade tópica. Quando uma informação retorna após um período de ausência, a sua volta pode combinar a existência das partí-

culas que anunciam o que é conhecido com as características da mudança de tópicos: posição inicial nas sentenças e uma marca de tópico⁹.

A manutenção da continuidade tópica trouxe algumas alterações para a sintaxe. As partículas em foco estabelecem um elo necessário entre partes de um texto e essa característica acabou fixada na sintaxe como um elo específico. Exemplos de fixação dessas partículas na sintaxe podem ser encontrados no relacionamento núcleo/parte não-nuclear dentro de um sintagma e na atribuição de Caso.

A relação modificador-modificado, que encontramos em Tikuna dentro de um nome ou raramente entre nomes, passou para uma relação modificado-modificador ao funcionar o modificador como codificador de qualidades e estados transitórios. Essa passagem foi mediada pela possibilidade de se expressar uma qualidade ou estado transitório por meio de um nome que, estando inicialmente ligado à sentença de uma maneira paratática, veio a ser gramaticalizado em uma posição pós-nuclear. Os exemplos que se seguem podem revelar a história da sintatização do modificador posposto ao núcleo:

(19) a. $\begin{matrix} \text{N} & \text{TT} & \text{T} \\ \text{paan} & \text{g} & \end{matrix}$ seco-terra em 'na terra seca'

b. $\begin{matrix} \text{TT} & \text{TT} \\ \text{na} & \text{tsin} & \end{matrix}$ 3p-grande-orelha 'ele tem orelha grande'

(20) a. $\begin{matrix} \text{TT} & \text{TTT} & \text{T} & \text{TTT} & \text{TTT} & \text{TT} & \text{TT} \\ \text{...nag} & \text{tsi} & \text{i} & \text{ema} & \text{api} & \text{kmana} & \text{ta} & \end{matrix}$
 3p-em 1p-embarcar x dêitico
 avião operador discursivo x grande
 '...nela eu embarquei, aquele avião - não é mesmo? - o grande'

b. $\begin{matrix} \text{T} & \text{T} & \text{TTT} & \text{TTT} & \text{T} & \text{TTT} \\ \text{...dz} & \text{dzat} & \text{...di} & \text{wã} & \text{nag} & \text{dza} & \text{p} & \end{matrix}$
 dêitico homem tópico até 3p-terminar x pobre
 'aquele homem...até que ele acabou, pobre'

b. $\text{na}\beta\bar{\epsilon}\text{m}\check{\text{t}}$ z $\text{ɔ}\check{\text{b}}\check{\text{t}}$ 'comida do jabuti'

 3p comida x jabuti

c. $\text{t}\check{\text{w}}\bar{\text{p}}\bar{\text{a}}\check{\text{n}}\check{\text{a}}$ $\text{a}\check{\text{r}}\check{\text{t}}$ $\text{ɔ}\check{\text{r}}\check{\text{e}}$ 'palavra de Deus'

 Deus de palavra

d. ... $\text{ɔ}\check{\text{r}}\check{\text{e}}$ $\text{g}\check{\text{a}}$ $\text{t}\check{\text{w}}\bar{\text{p}}\bar{\text{a}}\check{\text{n}}\check{\text{a}}$ $\text{a}\check{\text{r}}\check{\text{t}}$

 palavra x Deus de

e. $\text{t}\check{\text{s}}\check{\text{w}}\bar{\text{i}}\check{\text{r}}\check{\text{i}}$ $\text{a}\check{\text{r}}\check{\text{t}}$ $\text{ɔ}\check{\text{r}}\check{\text{e}}$

 Tchowiri de palavra, história

 'história sobre/de Tchowiri'

f. $\text{ɔ}\check{\text{r}}\check{\text{e}}\text{g}\check{\text{t}}$ z $\beta\bar{\epsilon}\check{\text{r}}\check{\text{i}}\text{g}\check{\text{t}}$

 palavra, história- x pássaro-plural

 'história sobre/de pássaros'

Aqui a relação modificador-modificado vem sendo invertida de tal forma que as partículas em questão estão adquirindo a função desempenhada por uma posposição descartada (cf. (22) c,d,e,f).

Na medida em que podem entrar em relação de equivalência com uma posposição, as mesmas partículas passam a estar ligadas à atribuição de Caso, e é tendo a atribuição de Caso em mente que vamos voltar à ordem SVO.

Uma questão importante que se coloca, a partir da constatação de que as partículas em causa possuem um papel no discurso e encontram um lugar na sintaxe, diz respeito ao seu aparecimento antes do argumento que, expressando o paciente, o resultado, o objeto da ação, se situa à direita do verbo. Seria esse aparecimento resultante apenas de uma necessidade discursiva, marcando-se ou não a continuidade tópica? Estaria esse aparecimento ligado à presença de clítico ou à noção 'objeto' interna à

à forma verbal?

Para responder a essa questão, vamos considerar que o argumento que expressa o paciente, o resultado, o objeto da ação é o objeto da sentença. A ele seria atribuído o Caso objetivo, que pode ser morfologicamente realizado através de um sufixo. Se o argumento em questão se encontrar à direita do verbo e não houver o clítico ou estiver ausente do verbo a noção 'objeto', esse argumento se encontrará marcado casualmente, como se dá em

(23) $\begin{matrix} \text{TTT} & \text{T TTTT} & \text{TTTT} \\ \text{ēlīzā} & \text{ŷdžawipāčā} & \text{lōizā} \end{matrix}$

Elisa 3p.fem-riscar-perna Luiza-dativo
'Elisa coça a perna da Luiza'

Até o momento, situações como a exibida em (23) só foram encontradas nos casos em que o verbo exhibe incorporação.

A ausência de realização morfológica do Caso por meio de um sufixo é coincidente, quando um argumento do tipo mencionado está à direita do verbo, com o aparecimento do clítico à esquerda do verbo ou com a expressão da noção 'objeto' no próprio verbo - como se pode constatar em (15), (16), (17) e (18).

Nas sentenças em que, como (17) e (18), aparece o clítico referente ao objeto que está à direita do verbo, é o clítico que fornece informações relativas não só a número e pessoa, mas também a Caso.

De acordo com Borer (1981, 1984), a co-indexação obrigatória do clítico e da frase nominal complemento se deve ao fato de o clítico governar essa última, por ser ele um traço da cabeça, isto é, do núcleo. Em Tikuna, que é uma língua que permite a ordem OVS (cf. 3), uma sentença que apresente frase nominal duplicando o clítico não será, de acordo com nossos dados, ambígua. Por exemplo, para uma sentença como

(24) $\begin{matrix} \text{TT} & \text{T T} & \text{T} & \text{TT} \\ \text{nī}^{\text{v}}\text{t} & \text{nāda}^{\text{v}} & \text{džā}^{\text{v}} & \text{džāt}^{\text{v}} \\ \text{3p.masc-dativo} & \text{3p.masc-ver} & \text{x} & \text{homem} \end{matrix}$

não encontramos como sentido possível

o homem_i viu ele_j

sendo ela interpretada como

x viu ele; o homem;

devido à co-indexação existente entre o clítico e o objeto nominal. Se o clítico em Tikuna ocupasse uma posição argumental, a co-indexação não seria obrigatória, isto é, a referência poderia ser disjunta. Acrescente-se a isso exemplos do tipo de (25),

f f f f f f f f
(25) n̄maʔḿ nádaḿ dza dzātḿ
3p.(pronome livre)-dativo 3p-ver x homem
'o homem viu ele'

em que a referência disjunta é obtida através da utilização à esquerda do verbo de uma força pronominal livre - essa sim em posição argumental - e constatar-se-á que construções com clítico em Tikuna apóiam a tese de Borner de que o clítico é um traço da cabeça, governando a frase nominal complemento.

Ainda no que diz respeito às sentenças em que aparece o clítico, o argumento pós-verbal necessita estar precedido de uma das partículas já focalizadas, porque, do contrário, não se fará chegar o Caso à frase nominal posposta, resultando daí uma construção agramatical:

f f f f
(26)* niʔḿ nádaḿ dzātḿ
3p-dativo 3p-ver homem
'ele viu o homem'

Nas sentenças em que se tem o verbo apresentando a noção 'objeto', já foi afirmado que a noção 'objeto' é uma maneira de estabelecer uma concordância entre o verbo e o argumento que se encontra regularmente à sua direita. A maneira como essa afirmação se relaciona com a constatação feita sobre o clítico é algo que pode ser visto ainda dentro do quadro da teoria gerativa.

Na teoria, além da co-indexação obrigatória entre o clítico e a frase nominal complemento, há mais dois pontos que dizem respeito ao que nos ocupa. O primeiro é a atribuição de Caso à frase nominal comple-

mento e o segundo, a hipótese da visibilidade.

Em termos de atribuição de Caso, temos, seguindo ainda com Borer (1981, 1984), que o clítico despeja a frase nominal complemento do Caso e, para não haver violação do filtro de Caso, é necessário que seja introduzido um marcador de caso "dummy" antes da frase nominal complemento.

Com referência à hipótese da visibilidade (Borer 1984:110), tem-se que um elemento será visível para a atribuição de papel temático se ele portar um traço, que pode ser, de um lado, gênero, número ou pessoa eu, de outro lado, Caso.

Em Tikuna, há as partículas que mencionamos por mais de uma vez. Se elas realizassem na língua apenas a continuidade tópica, o caminho a ser seguido na análise apontaria de imediato para uma dificuldade em se manter para o Tikuna as afirmações que Borer, seguindo Kayne (1975), faz sobre clítico e atribuição de Caso. E isso se deveria a razões simples. Uma razão seria que as partículas em questão não constituiriam elementos que possuíssem traços de atribuição do Caso, de modo a poder atribuir, por transferência de um traço, Caso para uma frase nominal complemento governada por esses traços e, além disso, elas poderiam preceder qualquer frase nominal independentemente do Caso por ventura atribuído a essa última. Uma outra razão seria que, nas sentenças de ordem SVO em que se tem a forma verbal expressando internamente a noção 'objeto', não há qualquer motivo para se relacionar o aparecimento das mesmas partículas nessas sentenças à atribuição de Caso à frase nominal situada à direita do verbo; nessas construções, a noção 'objeto' presente no verbo é uma maneira de estabelecer concordância entre o verbo e a frase nominal à sua direita, o que de modo algum faria com que essa ficassem desprovida de Caso e necessitasse, em virtude disso, de ser precedida de um marcador de caso "dummy".

As partículas que mencionamos realizam na língua a continuidade tópica, mas podem realizá-la com conseqüências para a sintaxe. De acordo com o que vimos em termos de construções em que elas se apresentam, as conseqüências se situam no nível da ordem entre parte não-nuclear e núcleo de uma construção (a parte não nuclear torna-se pós-nuclear) e, ainda, no nível da própria relação entre núcleo e parte não-nuclear, já que essa relação só se estabelece como tal na medida em que esteja presente uma das partículas dentre as que apresentamos. Essas partículas põem uma dada seqüência em disponibilidade para o estabelecimento de uma relação com aquele que irá ser o núcleo de uma construção, chegando essa sinalização do estar disponível, efetuada pelas partículas, a assumir uma face subordinadora - que é o que se dá quando, sendo a par-

te não-nuclear um genitivo que se segue ao núcleo, as mesmas partículas entram em uma relação de equivalência com uma posposição descartada.

As conseqüências trazidas para a sintaxe pela continuidade tópica também apontam para uma dificuldade em se seguir para o Tikuna o que afirma Borer sobre clítico e atribuição do Caso. Nas construções SVO com clítico, vendo-se a frase nominal complemento como um pós-núcleo que se coloca em disponibilidade para entrar em relação com o núcleo (o verbo) a partir de uma das partículas em foco, fica afastada a possibilidade de qualquer uma dessas partículas ser uma marcador de caso "dummy", que, em face da absorção do Caso realizada pelo clítico, teria sido introduzido apenas para evitar uma violação do filtro de Caso.

Desvinculando-se o aparecimento das partículas em questão da existência do clítico, outro será o modo de fazer com que a frase nominal posposta ao verbo nas construções com clítico receba Caso. Diferentemente de Borer, diremos que o clítico em Tikuna absorve Caso, mas possui a propriedade da transmissão do Caso à frase nominal objeto situada à direita do verbo. Essa solução, que é compatível com o fato de o clítico governar a frase nominal complemento, pode ser conciliada com a presença de uma das partículas mencionadas, desde que, para efeito da transmissão ao Caso objetivo, sejam vistos como pares Casuais não só o clítico e o verbo do qual ele é a cabeça, mas também o traço de Caso contido no verbo e o sintagma nominal a ele associado, conforme proposta de Jaeggli (1986)¹¹.

Nas construções com clítico o aparecimento das partículas que focalizamos não se deve a uma estratégia vinculada ao filtro de Caso e o mesmo se dá nas construções em que se tem a noção 'objeto' interna à forma verbal. A base discursiva que sustenta o aparecimento de tais partículas se combina aqui com a sinalização que elas proporcionam em termos das relações sintáticas que podem ser estabelecidas. A necessidade de assinalar tópicos contínuos pode fazer com que argumentos sejam posicionados à direita do verbo e a sinalização operada pelas partículas coloca uma seqüência em disponibilidade para entrar em relação com o núcleo, que é o verbo. No entanto, não bastam, na língua, a simples transposição de um argumento - no caso, da frase nominal objeto - para a direita do verbo nem a presença das partículas mencionadas antes do argumento posposto. Para se efetuar tal transposição, é necessário que se considere a visibilidade do argumento posposto. No que diz respeito à ordem SVO, a visibilidade do objeto nominal posposto é definitivamente obtida através da utilização do clítico, co-indexado ao objeto, ou através da noção 'objeto' interna à forma verbal que, ao tornar visível o objeto nominal passa a desempenhar a mesma função do caso morfológico.

3 - A ordem OVS

Quando o argumento posposto ao verbo é o sujeito nominal, as mesmas partículas já apresentadas precedem o sujeito postosto. Nas sentenças

(27) $\beta\bar{i}\bar{o}ma\check{t}$ $n\check{a}n\check{c}\bar{o}$ $d\check{z}\bar{a}$ $a\check{z}\bar{c}\bar{w}$
 Vilmar-dativo ele-morder
 X cachorro
 'O cachorro mordeu Vilmar'

(28) $\bar{a}tape\check{t}$ $im\check{o}\check{t}$ \check{z} $l\check{o}i\check{z}\bar{a}$
 cobra-dativo ela temer x Luiza
 'Luiza tem medo de cobra'

(29) $l\check{o}i\check{z}\bar{a}\check{t}$ $id\check{z}aw\check{o}pa\check{c}\bar{a}$ \check{z} $\bar{e}\bar{c}\bar{i}\check{z}\bar{a}$
 Luiza-dativo ela-riscar-perna
 X Elisa
 'Elisa está coçando a perna da Luiza'

(30) $l\check{o}i\check{z}\bar{a}\check{t}$ $id\check{z}am\check{\xi}$ \check{z} $\bar{e}\bar{c}\bar{i}\check{z}\bar{a}$
 Luiza-dativo ela-lavar-mão x Elisa
 'Elisa está lavando a mão da Luiza'

observe-se que as partículas

\check{z}
 'não-passado'
 $d\check{z}\bar{a}$ 'não-passado'

precedem também o sujeito posposto. Uma outra observação a ser feita é

tem-se que

ᵀ ᵀ
ᵱ ᵱ
āpa 'antes'

ᵀ ᵀ
ᵱ ᵱ
ᵱōmā 'agora'

são itens que, indicando tempo, ocupam a posição inicial das sentenças sem que se possa demonstrar que são, necessariamente, argumento do verbo¹³. Em (32), abaixo

ᵀ ᵀ ᵀ ᵀ ᵀ ᵀ ᵀ
ᵱ ᵱ ᵱ ᵱ ᵱ ᵱ ᵱ
(32) mᵱᵱᵱ ᵱᵱ ᵱᵱᵱᵱᵱᵱ ᵱᵱᵱᵱᵱᵱᵱᵱᵱ
amanhã tóp. 1p.pl-pescar-pl
'Amanhã nós vamos pescar'

o item

ᵀ ᵀ
ᵱ ᵱ
mᵱᵱᵱ 'amanhã'

não é, claramente, um argumento de 'nós-pescar': o verbo não exibe concordância com esse argumento. Por outro lado, em (31) está presente um item que, por duas vezes precedido de partículas focalizadas em seções anteriores, pode ser tomado como argumento necessário dos verbos em questão. Em outras palavras,

ᵀ ᵀ
ᵱ ᵱ
gā nāᵱ x pau, árvore 'árvore'

ᵀ ᵀ
ᵱ ᵱ
ᵱ nāᵱ x pau, árvore 'árvore'

seriam os argumentos necessários de verbos de existência. Quanto a

$\begin{array}{c} \text{t} \text{ t} \\ \bar{\sim} \text{u} \\ \text{āpa} \end{array}$
 'antes'

$\begin{array}{c} \text{t} \text{ t} \\ \bar{\sim} \text{u} \\ \text{ḡōmā} \end{array}$
 'agora'

$\begin{array}{c} \text{t} \text{ t} \\ \bar{\sim} \text{u} \\ \text{mā}^{\text{t}} \end{array}$
 'amanhã'

seriam os tópicos de suas referidas sentenças, encontrando-se seguidos de uma marca de tópico

$\begin{array}{c} \text{t} \\ \text{t}^{\text{t}} \end{array}$

A favor da existência de um tópico sentencial em Tikuna marcado através de uma partícula, está o fato de que aparentemente qualquer argumento pode ocupar a posição inicial na sentença e ser seguido da partícula acima, como ocorreu em (31) e (32) e também ocorre em

$\begin{array}{c} \text{t} \text{ t} \\ \bar{\sim} \text{u} \\ \text{dap}^{\text{t}} \end{array}$
 $\begin{array}{c} \text{t} \\ \text{t}^{\text{t}} \end{array}$
 $\begin{array}{c} \text{t} \\ \text{u} \\ \text{dza} \end{array}$
 $\begin{array}{c} \text{t} \text{ t} \\ \bar{\sim} \text{u} \\ \text{dzat}^{\text{t}} \end{array}$
 $\begin{array}{c} \text{t} \\ \text{u} \\ \text{dza} \end{array}$
 $\begin{array}{c} \text{t} \text{ t} \text{ t} \\ \bar{\sim} \text{u} \text{ u} \text{ u} \\ \text{pōwa}^{\text{t}} \text{ k}^{\text{t}} \end{array}$
 $\begin{array}{c} \text{t} \text{ t} \\ \bar{\sim} \text{u} \\ \text{ḡema} \end{array}$
 $\begin{array}{c} \text{t} \text{ t} \\ \bar{\sim} \text{u} \\ \text{na}^{\text{t}} \bar{\text{ō}} \end{array}$

Terra Vermelha tóp. x homem x pescar-nominalizador dêitico 3p-ir
 'O homem que pesca foi na Terra Vermelha'
 (Terra Vermelha, o homem que pesca foi lá)

$\begin{array}{c} \text{t} \text{ t} \\ \bar{\sim} \text{u} \\ \text{dzat}^{\text{t}} \end{array}$
 $\begin{array}{c} \text{t} \\ \text{t}^{\text{t}} \end{array}$
 $\begin{array}{c} \text{t} \\ \text{u} \\ \text{dza} \end{array}$
 $\begin{array}{c} \text{t} \text{ t} \text{ t} \\ \bar{\sim} \text{u} \text{ u} \text{ u} \\ \text{pōwa}^{\text{t}} \text{ k}^{\text{t}} \end{array}$
 $\begin{array}{c} \text{t} \text{ t} \\ \bar{\sim} \text{u} \\ \text{dap}^{\text{t}} \end{array}$
 $\begin{array}{c} \text{t} \\ \text{u} \\ \text{wa} \end{array}$
 $\begin{array}{c} \text{t} \text{ t} \\ \bar{\sim} \text{u} \\ \text{na}^{\text{t}} \bar{\text{ō}} \end{array}$

homem tóp. x pescar-nominalizador Terra Vermelha
 locativo 3p-ir
 'O homem que pesca foi na Terra Vermelha'
 (O homem, o que pesca, foi na Terra Vermelha)

ʃ ʃ ʃ ʃ ʃʃ ʃ ʃ ʃʃ ʃʃʃ ʃʃʃʃ ʃʃʃʃʃ
 (35) ɲomã ɛʃ dzã dzatɪ dzã pɔwaj kɪ dapɪ wã naʔõ
 agora tóp. x homem pescar nominalizador Terra
 Vermelha locativo 3p-ir
 'O homem que pesca foi agora na Terra Vermelha'
 (Agora, o homem que pesca foi na Terra Vermelha)

Essa possibilidade de que qualquer argumento seguido de

ʃ
ɛʃ

venha a ocupar a posição inicial da sentença é característica do tópico. Afinal, como foi dito, entre o tópico e o verbo em uma sentença não existe uma relação de seleção e o próprio papel funcional desempenhado pelo tópico é o de fornecer um quadro de referência ao qual se aplica a predicação.

Algumas observações, no entanto, devem ser feitas com relação a sintagmas que venham a estar na posição de tópico em Tikuna. Nessa língua, não há uma situação única, em que um argumento qualquer simplesmente ocupa a posição de tópico - posição não-argumental. Há que se levar em conta o tipo de argumento que está nessa posição e a necessidade de existência ou não de cópia desse argumento dentro da sentença. A esse respeito, pudemos constatar as seguintes situações:

- 1) sintagmas que não são argumentos do verbo estão na posição de tópico (situação comum); não há cópia do sintagma da sentença:

ʃʃʃʃ ʃʃ ʃʃʃʃʃ ʃʃʃʃʃʃ
 (36) wɛã ɛʃ nãpã wã ipɛ i loizã
 velho tóp. rede locativo ela-dormir x Luiza
 'Luiza dormui na rede velha'
 (Na velha, na rede dormui a Luiza)

2) o agente está na posição de tópico (situação comum); não há necessidade de cópia dentro da sentença:

(37) $\begin{matrix} \text{K} & \text{r} & \text{t} & \text{t} & \text{r} & \text{t} & \text{t} \\ \text{a} & \text{r} & \text{t} & \text{a} & \text{t} & \text{a} & \text{p} \\ \text{a} & \text{r} & \text{t} & \text{a} & \text{t} & \text{a} & \text{p} \\ \text{a} & \text{r} & \text{t} & \text{a} & \text{t} & \text{a} & \text{p} \end{matrix}$
 cachorro tóp. cobra ele-morder
 'O cachorro mordeu a cobra'
 (O cachorro, mordeu a cobra)

(38) $\begin{matrix} \text{r} & \text{t} & \text{t} & \text{r} & \text{t} & \text{r} & \text{t} & \text{t} \\ \text{d} & \text{z} & \text{a} & \text{t} & \text{r} & \text{p} & \text{w} & \text{a} \\ \text{d} & \text{z} & \text{a} & \text{t} & \text{r} & \text{p} & \text{w} & \text{a} \\ \text{d} & \text{z} & \text{a} & \text{t} & \text{r} & \text{p} & \text{w} & \text{a} \end{matrix}$
 homem tóp. pescar locativo 3p-ir
 'O homem foi pescar'
 (O cachorro, foi na pesca)

3) argumento na posição de tópico, sem que esse argumento seja o agente e sem que haja cópia desse argumento dentro da sentença, nem marcação de caso dentro do tópico; aqui as sentenças são agramaticais ou de gramaticalidade duvidosa:

(39)* $\begin{matrix} \text{r} & \text{t} & \text{t} & \text{r} & \text{t} & \text{r} & \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{d} & \text{a} & \text{p} & \text{t} & \text{r} & \text{d} & \text{z} & \text{a} & \text{d} & \text{z} & \text{a} \\ \text{d} & \text{a} & \text{p} & \text{t} & \text{r} & \text{d} & \text{z} & \text{a} & \text{d} & \text{z} & \text{a} \\ \text{d} & \text{a} & \text{p} & \text{t} & \text{r} & \text{d} & \text{z} & \text{a} & \text{d} & \text{z} & \text{a} \end{matrix}$
 Terra Vermelha tóp. x homem x pescar-nominalizador 3p-ir
 'O homem que pesca foi na Terra Vermelha'
 (Terra Vermelha, o homem que pesca foi)

(40)* $\begin{matrix} \text{r} & \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{r} & \text{t} & \text{r} & \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{a} & \text{t} & \text{a} & \text{p} & \text{e} & \text{r} & \text{t} & \text{i} & \text{m} & \text{a} \\ \text{a} & \text{t} & \text{a} & \text{p} & \text{e} & \text{r} & \text{t} & \text{i} & \text{m} & \text{a} \\ \text{a} & \text{t} & \text{a} & \text{p} & \text{e} & \text{r} & \text{t} & \text{i} & \text{m} & \text{a} \end{matrix}$
 cobra tóp. ela-temer x Luiza
 'Luiza tem medo de cobra'
 (Cobra, Luiza tem medo)

ƒƒƒ ƒ ƒƒƒ ƒƒƒ
 (41) ? ātape ɛ† ɭiʒa imɔ̃
cobra tóp. Luiza ela-temer
'Luiza tem medo de cobra'
(Cobra, Luiza tem medo)

4) argumento que não é o agente na posição de tópico; há cópia desse argumento dentro da sentença; nesse caso, as sentenças são gramaticais:

ƒƒƒ ƒ ƒ ƒƒƒ ƒ ƒƒƒ ƒƒ ƒƒ
 (42) dāp̃ ɛ† dzā dzat̃ dzā p̃wāɔk̃ ɲema naʔō
Terra Vermelha tóp. x homem x pescar-nomina-
liz. dêitico 3p-ir
'O homem que pesca foi na Terra Vermelha'
(Terra Vermelha, o homem que pesca foi lá)

ƒ ƒƒƒ ƒƒ ƒƒ
 (43) dzā nāsi ɛ† nak̃ tsada⊙
x piolho tóp. 3p-por 1p-procurar
'Eu cato piolho'
(Piolho, eu cato = Piolho, por ele pro-
curo)

5) há dois argumentos na posição de tópico, sendo um deles o agente e o outro o paciente (situação incomum); aqui surge a necessidade da marcação de caso no tópico, pois, do contrário, a sentença resultará ambígua:

ƒƒƒ ƒƒƒ ƒ ƒƒƒƒƒ
 (44) ɛliʒa ɭiʒa ɛ† idzawipaɕa
Elisa Luiza tóp. 3p.fem-riscar-perna
'Elisa coça a perna da Luiza
ou
'Luiza coça a perna da Elisa'

Nas encaixadas, também o sujeito nominal pode-se encontrar posto ao verbo:

(50) $\begin{array}{c} \uparrow \uparrow \uparrow \\ \text{nádz} \bar{\text{i}} \bar{\text{m}} \check{\text{a}} \\ \text{gá} \end{array}$ $\begin{array}{c} \uparrow \uparrow \uparrow \\ \text{h} \bar{\text{e}} \bar{\text{n}} \bar{\text{i}} \check{\text{ã}} \check{\text{õ}} \\ \text{gá} \end{array}$ $\begin{array}{c} \uparrow \uparrow \uparrow \\ \beta \bar{\text{e}} \bar{\text{d}} \bar{\text{a}} \beta \bar{\text{a}} \check{\text{õ}} \\ \text{wá} \end{array}$ $\begin{array}{c} \uparrow \uparrow \uparrow \\ \text{gá} \end{array}$

$\begin{array}{c} \uparrow \uparrow \uparrow \\ \text{dz} \bar{\text{i}} \bar{\text{e}} \bar{\text{g}} \bar{\text{õ}} \bar{\text{m}} \check{\text{ã}} \\ \text{má} \check{\text{c}} \check{\text{r}} \end{array}$ $\begin{array}{c} \uparrow \uparrow \uparrow \\ \text{d} \bar{\text{i}} \bar{\text{n}} \bar{\text{e}} \bar{\text{i}} \check{\text{r}} \check{\text{o}} \check{\text{r}} \\ \text{nádz} \bar{\text{a}} \bar{\text{õ}} \bar{\text{g}} \check{\text{õ}} \\ \text{gá} \end{array}$ $\begin{array}{c} \uparrow \uparrow \uparrow \\ \text{p} \bar{\text{e}} \bar{\text{d}} \bar{\text{r}} \check{\text{õ}} \end{array}$

$\begin{array}{c} \uparrow \\ \text{gá} \end{array}$ $\begin{array}{c} \uparrow \uparrow \uparrow \\ \text{b} \bar{\text{e}} \bar{\text{z}} \bar{\text{a}} \bar{\text{m}} \check{\text{i}} \\ \text{wá} \end{array}$

3p-déitico x reunião x Vendaval locativo x déitico
(= naquele tempo, quando) já dinheiro-dativo 3p-
pegar-locativo x Pedro x Benjamin locativo
'Teve reunião em Vendaval, depois que Pedro pegou
dinheiro em Benjamin Constant'

O fato de repetir-se, nas encaixadas, a situação encontrada nas orações independentes mostra, em primeiro lugar, que o fluxo discursivo não está, na língua, restrito às orações independentes e, em segundo lugar, que, nas sentenças declarativas, se de um lado se tem uma flexibilidade em termos de ordem de palavra, por outro lado essa flexibilidade vem acompanhada de modificações, quer em termos da relação do verbo com seus argumentos (ordem SVO), quer em termos de caso (ordem OVS). Resta agora verificar, em face do fluxo discursivo e da flexibilidade que ele ocasiona à ordem de palavra, se as estratégias de identificação de elementos se mantêm como as mesmas, ao serem consideradas outras possibilidades quanto à ocupação de posições sintáticas.

6 - Da situação de frases nominais

Ao tratarmos da ordem SVO, afirmamos que a posição à direita do verbo está relacionada à manutenção da continuidade tópica. Além disso, dissemos que a visibilidade do objeto nominal posposto é definitivamente obtida através da utilização do clítico, co-indexado ao objeto, ou

através da noção 'objeto' interna à forma verbal. Em relação à ordem OVS, a colocação do que seria a frase nominal sujeito à direita do verbo coincide com a utilização de uma marca morfológica na frase nominal objeto - fato que está ligado à necessidade de tornar visível, mesmo que indiretamente, o argumento colocado à direita do verbo.

A necessidade de utilizar, nas ordens SVO e OVS, os recursos mencionados - presença do clítico, modificação na forma do verbo (SVO); marcação necessária de caso na frase nominal objeto (OVS) - é um indicativo de que a posição à direita do verbo não é por si só capaz de tornar visível o argumento que a ocupa. Em outros termos, o argumento que ocupa a posição à direita do verbo não é tornado visível estruturalmente. Em face disso, podemos inicialmente propor que, tanto na ordem SVO como na ordem OVS, o que se tem é um nóculo que, situado fora do SV, está no nível de S.

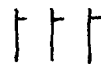
Tendo em vista que essa proposta está ligada à utilização de determinados recursos na língua, vamos verificar quais são os recursos existentes quando se trata de lidar com o equivalente de construções que são habitualmente tomadas como construções-teste para a verificação de movimento de frases nominais: as orações relativas e construções com movimento wh-.


6.1 - Orações relativas

Em Tikuna, na construção correspondente ao que em português é uma oração relativa está presente, na maioria das vezes, o morfema



 kɨ 'nominalizador'


Sufixado a uma forma verbal, permite ele que a forma resultante desse processo funcione como um argumento, podendo estar sujeito à continuidade tópica. Por exemplo, tem-se em Tikuna


 nɨpɔwaɨ 'ele-pesca'

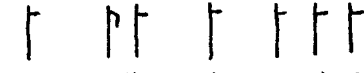

 nɨŋɔ 'ele-come'

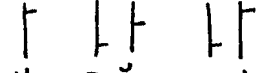
Mas, ao se dizer 'que pesca', 'que come', aparecem as formas


 pɔwəɔkɪ 'pescador'

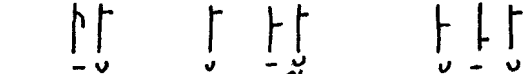

 ŋɔkɪ 'comedor'

que são precedidas de uma das partículas ligadas, entre outras coisas, à continuidade tópica. Assim:


 dzə dzətɪ dzə pɔwəɔkɪ
 x homem x pescar-nominalizador
 'o homem que pesca' (= homem pescador)


 gə tʂɔʔɪ ŋɔkɪ
 x 1p.s-dativo morder-nominalizador
 'que me mordeu' (=mordedor de mim)

Na realidade, a "oração relativa" em Tikuna é uma construção nominal caracterizada pela presença de uma das partículas aqui já abordadas (ver 2) e de um morfema nominalizador. O fato de ser essa uma construção duplamente caracterizada permite que uma dessas características - o morfema nominalizador - seja algumas vezes dispensada, dado o seu caráter redundante. Por exemplo:


 (51) dzətɪ dzə nɪʔɪ tʂadaɔkɪ
 homem x 3p-dativo 1p.s-ver-nominalizador


 ʔ ʔinɛ ɛʔ nɪʔɛnɛ
 x ontem tópico 3p-caçar
 'o homem que eu vi ontem foi caçar'

(55) [dzat⁺ [dza ni?⁺ tšadaok⁺ Ø i ?inε] t⁺]
 SN S i i

Seguindo Borer (1981:155), diríamos que o clítico, co-indexado a um vazio, passa a constituir, juntamente com esse vazio, um pronome descontínuo que, como tal, é livre para procurar seu antecedente. A estrutura interna das "orações relativas" em Tikuna não nos permite, portanto, falar em extração de frase nominal. E a isso se adiciona o fato de as "orações relativas" serem construções nominais: enquanto tal, são caracterizadas pela presença de uma partícula com funções específicas (ver 2) e de um nominalizador, nelas não havendo um nóduo COMP, o que está de acordo com a impossibilidade de nelas se poder falar em extração.

6.2 - Movimento wh-

Das construções que aparentemente envolvem movimento wh- em Tikuna, trazemos os seguintes exemplos, todos de questões:

(56) $\begin{matrix} | & | \\ | & | \end{matrix}$ $\begin{matrix} | \\ | \end{matrix}$ $\begin{matrix} | & | \\ | & | \end{matrix}$ $\begin{matrix} | & | \\ | & | \end{matrix}$ $\begin{matrix} | & | & | \\ | & | & | \end{matrix}$
 (56) tak⁺ i pɛdɔ̃ nākā φɛnɛ⁺
 que x Pedro 3p-por
 caçar-nominalizador
 'O que Pedro caçou?'

(57) $\begin{matrix} | & | \\ | & | \end{matrix}$ $\begin{matrix} | \\ | \end{matrix}$ $\begin{matrix} | & | \\ | & | \end{matrix}$ $\begin{matrix} | & | \\ | & | \end{matrix}$ $\begin{matrix} | & | \\ | & | \end{matrix}$ $\begin{matrix} | & | \\ | & | \end{matrix}$
 (57) tak⁺ i ni?⁺ kio?⁺ i kōmā
 que x 3p-dativo
 2p.s-dizer-nominalizador x você
 'O que você está dizendo?'

(58) a- $\begin{matrix} | & | \\ | & | \end{matrix}$ $\begin{matrix} | & | \\ | & | \end{matrix}$ $\begin{matrix} | & | \\ | & | \end{matrix}$ $\begin{matrix} | \\ | \end{matrix}$ $\begin{matrix} | & | \\ | & | \end{matrix}$
 (58) a- tɛɛ ni⁺ nada⁺ dza pɛdɔ̃
 b-* $\begin{matrix} | & | \\ | & | \end{matrix}$ $\begin{matrix} | & | \\ | & | \end{matrix}$ $\begin{matrix} | & | \\ | & | \end{matrix}$ $\begin{matrix} | \\ | \end{matrix}$ $\begin{matrix} | & | \\ | & | \end{matrix}$
 b-* tɛɛ ni⁺ nada⁺ dza pɛdɔ̃
 quem-dativo 3p-dativo 3p-dativo 3p-ver x Pedro
 'Quem que Pedro viu?'

(59) $\begin{matrix} \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} & \text{t} \end{matrix}$
 $\begin{matrix} \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} \end{matrix}$
 (59) $\begin{matrix} \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} \end{matrix}$
 quem-dativo 3p-dativo 3p-ver x Pedro
 'Quem que Pedro viu?'

(60) $\begin{matrix} \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} \end{matrix}$ $\begin{matrix} \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} \end{matrix}$
 (60) $\begin{matrix} \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} \end{matrix}$
 que Pedro 3p-dativo ver-nominalizador
 'O que que Pedro viu?'

(61) $\begin{matrix} \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} \end{matrix}$ $\begin{matrix} \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} \end{matrix}$ $\begin{matrix} \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} \end{matrix}$ $\begin{matrix} \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} \end{matrix}$
 (61) $\begin{matrix} \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} \end{matrix}$
 que-dativo Pedro 3p-dativo ver-nominaliz.
 'O que que Pedro viu?'

(62) $\begin{matrix} \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} \end{matrix}$ $\begin{matrix} \text{t} \\ \text{t} \end{matrix}$ $\begin{matrix} \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} \end{matrix}$ $\begin{matrix} \text{t} \\ \text{t} \end{matrix}$ $\begin{matrix} \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} & \text{t} \end{matrix}$
 (62) $\begin{matrix} \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} \end{matrix}$
 quem dêitico 3p-costurar x 2p-roupa
 'Quem costutou o teu vestido?'

Pelos exemplos acima, pode-se constatar que há em Tukina dois itens wh- que se distinguem apenas em termos semânticos:

$\begin{matrix} \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} \end{matrix}$ $\begin{matrix} \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} \end{matrix}$
 $\text{t} \text{t} \text{t} / \text{t} \text{t} \text{t}$
 se refere ao que é [+ humano] e

$\begin{matrix} \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} \end{matrix}$
 $\text{t} \text{t} \text{t}$

ao que é [- humano]. Além disso, é comum em questões, como se vê em (56) e (57), o aparecimento de partículas que estão ligadas à continuidade tópica, após o item wh- e antes do restante da sentença, quando o núcleo dessa é uma forma nominalizada. De um ponto de vista situado unicamen-

te no plano do discurso, poderíamos dizer que essas partículas nas questões wh- vêm junto com a parte da sentença que é familiar, sendo o item wh- o único elemento que traz consigo o novo. Assim como as referidas partículas, também são comuns nessas construções o aparecimento de sufixos nominalizadores - exemplos (56), (57), (60), (61) - e a dispensa de marcadores de pessoa subjetivos - exemplos (56), (60) e (61). Por fim, através de um exemplo como (62), é possível constatar que, em questões wh-, podem ser suspensas as modificações que acompanham, nas sentenças declarativas, a colocação de determinadas frases nominais à direita do verbo - fato que está relacionado à não-incorporação de temas no verbo e que investigamos em outra parte, juntamente com as demais características que acabamos de arrolar¹⁶.

Aqui nós vamos nos ates à questão do movimento wh-, olhando também para a realização de caso morfológico na palavra wh- e para a sua associação com o Caso abstrato.

Levando-se em consideração (59) e apenas (58) a, podemos supor que as frases wh-, movidas para o início de suas sentenças - para COMP -, deixam um traço em sua posição de origem e que esse traço é uma variável, por estar em uma posição argumental a ser localmente vinculado a uma posição não-argumental¹⁷. Assim:¹⁸

(58') a- [t_εε [n_i nada_θ t_i dza pεd_θ]]

(59') [t_εε_f [n_i nada_θ t_i dza pεd_θ]]

Como se pode notar a partir desses exemplos, o antecedente do traço pode realizar o Caso. Para uma situação como essa, já foram levantadas, dentro do quadro atual da teoria gerativa, algumas hipóteses¹⁹.

- a) a frase wh- recebeu o Caso da posição da qual foi movida para COMP;
- b) a frase wh- movida ou gerada na base, recebe o Caso da variável que a ela se vincula;
- c) o Caso é atribuído ao índice do sintagma nominal e o portador desse índice pode facultativamente realizar o Caso (a variável, a frase wh- ou ambos).

Pra essas hipóteses já foram igualmente feitas, no mesmo quadro teórico, determinadas considerações: fazer com que a frase wh- receba Caso da posição da qual foi movida significa tornar indeterminada a homogeneidade dos princípios de atribuição de Caso, além de surgirem pro-

blemas com os possíveis pronomes-lembrete; permitir que a frase wh- receba o Caso da variável a ela vinculada significa criar problemas, já que em tese uma frase wh- pode estar co-indexada a mais de um traço em posição argumental; postular que o Caso é atribuído ao índice do sintagma nominal é explicar a “herança” do Caso e do papel temático pela atribuição dessas propriedades a certas seqüências associadas de funções gramaticais. Se se levar em conta tais considerações, as hipóteses a e b se tornam pouco atraentes, enquanto c adquire condições de ser explorada. No entanto, a exploração de c se fez no sentido de se eliminar a “herança” do Caso para a frase wh- em COMP²⁰: a teoria ficaria mais uniforme se a “herança” do Caso e do papel temático ficasse restrita às cadeias argumentais. Para justificar a presença do Caso na frase wh- em COMP, afirmou-se que o Caso pode ser um traço inerente de um item retirado do léxico e que a variável que esse item deixa, ao ser movimentado para COMP, retém esse Caso; para explicar a ausência do Caso na frase wh- em COMP, afirmou-se que essa foi retirada do léxico sem Caso e que a variável a ela vinculada recebe Caso de sua cabeça, se estiver em uma posição passível de atribuição de Caso.

No que diz respeito à língua Tikuna, a hipótese c dá conta do fato de que a frase wh- em COMP pode não realizar o Caso. No entanto, ao levar em consideração, por exemplo, (59) e apenas (58) a, ter-se-á que admitir, se não se assumir a “herança” do Caso para a frase wh- em COMP, que há uma instabilidade no léxico dos falantes Tikuna com relação a frases wh-: elas podem ou não possuir inerentemente Caso.

Levando-se em consideração (59), (58)a e também (58)b, as suposições iniciais podem ser alteradas. O exemplo (58)b é resultado da rejeição de (58)a com a interpretação que lhe foi atribuída. E a rejeição de (58)a encontra uma explicação na propriedade de co-indexação que o clítico continua a exibir, devido ao fato de estar em condições de governar a frase nominal pós-verbal abertamente expressa. No exemplo em questão,

$$\begin{array}{ccc} \uparrow & \uparrow & \uparrow \\ dz\grave{a} & p\epsilon d\iota\omega & \end{array}$$

pode ser tomada como a frase nominal complemento, devendo resultar daí, segundo ainda o que deixa supor (58)b, que (58)a deve ser entendida como ‘Quem viu o Pedro?, e não como ‘Quem Pedro viu?’. Inverte-se, assim, a situação da frase nominal acima, que de sujeito passa a ser vista como objeto, e, com a inversão feita, a hipótese da existência de um traço ao qual estaria co-indexado o clítico perde espaço: não haveria traço na

medida em que a co-indexação realizada é entre o clítico e a frase nominal pós-verbal abertamente expressa, considerada como complemento. A hipótese da existência de um traço em posição pós-verbal - fruto de um possível movimento - cede lugar, então, à hipótese da ausência de movimento. De acordo com essa hipótese, uma frase nominal pós-verbal abertamente expressa sempre poderá ser co-indexada ao clítico, desde que compatível com os traços por ele portados. Na ausência de co-indexação com essa frase nominal, o clítico estará co-indexado a um vazio, constituindo com ele um pronome descontínuo que será livre para procurar seu antecedente. Em casos sujeitos à ambigüidade, a realização de caso morfológico na frase wh- estaria funcionando, como se dá em (59), como uma estratégia de retirada da ambigüidade, na medida em que, realizado o caso morfológico na frase wh-, ficaria claro que a co-indexação do clítico estaria se dando com um vazio, e não com a frase nominal pós-verbal abertamente expressa. E, em casos sem qualquer ambigüidade, a realização de caso morfológico na frase wh- seria um traço redundante, como se dá em (61) comparado a (60), e deixaria entrever a possibilidade de uma gradação em seu uso. E, assim sendo, não se estará diante de qualquer instabilidade no léxico de falantes Tikuna quando se trata de frases wh-.

Independentemente do fato de a "herança" do Caso para a frase wh- em COMP ser questão aberta dentro da teoria gerativa, uma conclusão podemos ter com relação à realização de caso morfológico na frase wh- e à sua associação com Caso abstrato. Se as frases wh- possuísem sempre inerentemente Caso em Tikuna, poderíamos questionar de imediato a existência de um movimento wh- na língua: elas poderiam ser geradas, com Caso, já na posição inicial da sentença. Como as frases wh- nem sempre realizam o caso, poderíamos admitir o inverso, isto é, que haveria movimento wh- e que o movimento deixa um traço que recebe Caso. Entretanto, como também nas questões wh- repetem-se estratégias de identificação de elementos já detectadas em outras construções e como essas estratégias envolvem caso morfológico, talvez se tenha aqui um caminho para se questionar a existência de COMP e para se pensar melhor sobre cadeias não-argumentais na língua estudada.

7 - Algumas considerações finais

De acordo com o que vimos, ao considerarmos as ordens SOV, SVO e OVS, é possível concluir que o verbo funciona como uma espécie de fronteira em sentenças da língua. Com o verbo funcionando como uma fronteira na língua, é na localização dos argumentos em relação ao verbo

que se tem a possibilidade de explicar a emergência de marcação de caso em Tikuna. Sujeito e objeto nominais colocados à direita do verbo (SVO e OVS) estão formalmente iguais e, ao que tudo indica, estruturalmente iguais. Então, dada uma seqüência

SN₁ V SN₂

que poderia ser interpretada como SVO ou OVS, a língua faz uso da marcação de marcação de caso em SN₁ na ordem OVS, enquanto na ordem SVO a presença de um marcador de caso explícito é desnecessária. Na ordem SVO, contam a presença do clítico, a modificação na forma do verbo, recursos que dispensam a marcação de caso explícito em frase nominal, mas que, da mesma forma como o recurso do caso explícito utilizado na ordem OVS, servem à necessidade de tornar visível, mesmo que indiretamente, o argumento à direita do verbo. A necessidade de tornar visível um argumento pós-verbal significa que, havendo a impossibilidade de torná-lo visível estruturalmente, o modo como se poderá a ele atribuir Caso não será estrutural. Excetuadas a via estrutural e a via do co-indexação que se dá na flexão e que também vem a ser estrutural, o outro modo de atribuição de Caso é aquele em que o clítico transmite o Caso. Na língua, a opção pelo clítico na ordem SVO aparece como alternativa a uma modificação no interior do verbo, que, por sua vez, afirmamos desempenhar o mesmo papel do caso morfológico. E esses dois recursos, situados no plano da forma, acabam por ser duas faces de uma mesma estratégia: aquela que faz do núcleo - no caso, o verbo - o portador das informações necessárias à identificação do termo que com ele entra em relação, quando essa identificação não pode ser feita estruturalmente. Em outros termos, do núcleo, que é o verbo, depende o status do pós-núcleo. Em construções nominais, o núcleo entra em relação com um pós-núcleo através da ação desencadeada pela presença de um dentro um conjunto de formas (partículas), que sinalizam a possibilidade da existência de uma relação sintática. Tais formas também estão presentes nas construções verbais, precedendo o pós-núcleo e permitindo que o Caso chegue até ele.

De acordo com o que vimos, é igualmente possível concluir que a relação núcleo/pós-núcleo, quer em construções verbais, quer em construções nominais, é inteiramente dependente da forma. Desfeita uma determinada configuração sintática em função do fluxo discursivo, essa relação se refaz apoiada naquilo que seria aparentemente pobre na língua: a morfologia. É a morfologia que permite a liberação de ordem de palavra e é nela que está a possibilidade da conciliação entre marcação de caso e atribuição de Caso em Tikuna.

NOTAS

1. A origem deste texto se encontra em trabalho redigido em dezembro de 1984 e ao qual dei o título de "Investigações de alguns aspectos da sintaxe Tikuna". Esse último foi posteriormente revisto e ampliado e, com o mesmo título, teve a sua nova redação terminada em novembro de 1988.
2. Cf. RODRIGUES (1970:4034-4036).
3. Há também Tikunas no Peru e na Colômbia. A estimativa total de Tikunas se situa por volta dos vinte mil indivíduos, estando a maior parte localizada no Brasil.
4. Como estamos tentando realizar um estudo integrado da prosódia da língua Tikuna, nossa análise não está assentada sobre dados fonemizados.
5. Ver KEENAN (1976).
6. As palavras "feminino" e "masculino", usadas por alguns falantes ao refletirem sobre sua língua, estão ligadas a distinções na altura da voz: "feminino" indica uma altura de voz 'baixa'; "masculino" se refere à voz alta. No caso das partículas cuja análise se introduz,

↓
i 'não-passado'

produzido com uma altura meio-baixa, é "feminino"; quanto a

↓
dza 'não-passado'

↓
ga 'passado'

produzidos com uma altura meio-alta, são "masculinos".

7. As exceções que encontramos estão nas orações coordenadas cujos verbos possuem como complemento a mesma frase nominal; nesse caso, a frase nominal complemento pode aparecer uma única vez, situando-se à esquerda ou à direita do primeiro verbo, que apresenta internamente a noção 'objeto'.

8. Além dessas três partículas, há a 'não-passado', de pouca incidência em nossos dados e que alguns falantes invariavelmente substituem por dza 'não pas-

sado', quando repetem ou escrevem a sua própria produção.

9. Exemplificação de informação que retorna dentro do tópico pode ser encontrada em SOARES (1988b).
10. Predicado também pode incluir, na língua estudada, numerais/quantificadores. Como "adjetivos" que expressam predicados sobre conjuntos, numerais/quantificadores devem ter entre eles e o nome/frase nominal a que se referem uma das partículas em foco.
11. De acordo com JAEGGLI (1986:37-38), um par Casual é construído para cada traço de Caso de um atribuidor de Caso, o qual corresponde a um receptor de Caso. Assim:
Seja α um traço de Caso
Se há dois ou mais pares Casuais
(α, β) (α, γ)
então β e γ não podem ambos ser elementos nominais
12. Ver LI § THOMPSON (1976).
13. Em Tikuna, itens que indicam negação - como $\bar{t} \bar{t} \bar{t}$ - e quantidade - como $\bar{t} \bar{t}$
 $\bar{n} \bar{t} \bar{t}$ 'pouco' - podem integrar formar verbais, desde que recebam um marcador de pessoa subjetivo.
14. De acordo com WILLIAMS (1980), predicado pode ser um SA, um SN, um SV ou um SP.
15. Se representarmos o vazio, governado pelo clítico, à direita da forma nominalizada, estaremos apenas mantendo uma simetria: na ordem SVO, em sentenças declarativas, o clítico aparece quando a frase nominal complemento, que a ele está co-indexada, se encontra à direita do verbo. Se representarmos o vazio à esquerda da forma nominalizada, estaremos simplesmente admitindo que, não havendo razão para deslocá-lo para a direita nas construções consideradas, seu lugar coincide com a posição na qual é gerada a frase nominal complemento.
16. Ver SOARES (1988a). Ver também nota 1.
17. Cf. CHOMSKY (1981:321,330).
18. Representamos o traço à direita da forma verbal, mas essa representação poderia ter sido feita à esquerda. Ver, a propósito da posição de representação da categoria vazia, a nota 15.
19. Cf. CHOMSKY (1981:170-183).
20. Idem, pp. 331-332.

BIBLIOGRAFIA

- BORER, H. Parametric variation in clitic constructions. Thesis submitted to the Department of Linguistics and Philosophy, MIT, 1981.
- . **Parametric syntax. Case studies in Semitic and Romance languages.** Dordrecht, Foris Publications, 1984.
- CHOMSKY, N. **Lectures on government and binding.** Dordrecht, Foris Publications, 1981.
- JAEGGLI, O.A. Three issues in theory of clitics: case, doubled NPs and extraction. In BORER, H. (ed.) **Syntax and semantics 19. The syntax of pronominal clitics.** London, Academic Press, 1986.
- KAYNE, R.S. **French syntax.** Cambridge, MIT Press, 1975.
- KEENAN, E. Towards a universal definition of subject of. In: LI, Charles N. (ed.) **Subject and topic.** New York, Academic Press, 1975.
- LI, Charles N. & THOMPSON, Sandra A. Subject and topic: a new typology of language. In: LI, Charles N. (ed.) **Subject and topic.** New York, Academic Press, 1976.
- RODRIGUES, A.D. Línguas Ameríndias. Verbete Língua da **Grande Enciclopédia Delta Larouse**, vol. 9, 1970.
- SOARES, Marília Facó. Investigação de alguns aspectos da sintaxe Tikuna. 1988a. 217p. Inédito.
- . Sound, form and structure. 1988b. 16p. Inédito.
- WILLIAMS, E. Predication. **Linguistic Inquiry** 11, nº 1, 1980.